

Aqui, agora.

Não fossem outras tantas as virtudes da obra de Eduardo Coutinho – talvez o maior cineasta brasileiro em atividade – bastaria seu testemunho de perseverança na lucidez. Se foi possível a alguém atravessar as últimas quatro décadas fazendo um cinema permanentemente “faca só lâmina”, cravado nos olhos e mentes de quem ainda quer ver, então qualquer subterfúgio é pura covardia. Ou canalhice, seja em forma pura, seja diluída nos múltiplos elixires de ocasião em liquidação no fim de feira nacional.

Esse número da **Sinopse** está amplamente dedicado ao documentário. O grosso da produção atual que se auto-proclama “documental” faz do título um rótulo de classificação do “produto” nas prateleiras virtuais. Obedece a direção onipresente que, repetindo-se neuroticamente, produz um mar de imagens auto-referentes, que, paradoxalmente, nos afoga numa cegueira luminosamente multicolorida.

Quem não tem colírio, nem quer óculos escuros, tateia. “É tarde demais para que não salvemos o que sobrou do cinema”. Seguimos as trilhas abertas – no Brasil, na África, na Palestina, na Lapônia, em Nova Iorque – por homens e mulheres que acreditam que o cinema pode servir para encontrar e entender homens e mulheres, mas que isso não pode ser feito via satélite, mas apenas a pé, com a câmera (e o tripé, se houver) no ombro, abrindo caminho no matagal contemporâneo de imagens a golpes de linguagem.

É filmes como esses, que acreditam que existem horizontes para além do por do sol nos estacionamentos dos multiplex, que está o único futuro possível. “Por um cinema de baixo orçamento”, título do artigo-manifesto que abre essa **Sinopse**, mais do que um imperativo moral, é a alternativa ao lento de caminhar de costas rumo ao abismo. É um tempo de guerra, é um tempos em sol.

Os editores

divulgação



Silvino Santos na Amazônia, início do século.